

A presença árabo-muçulmana



Corão - Surāt al-Fathia (Abertura)

Os textos árabes não falam de Torres Vedras, assim como silenciaram o espaço litoral entre Lisboa e Sintra e Coimbra. Sem estas fontes, restam-nos a arqueologia, a toponímia e os textos cristãos para o conhecimento da região de Torres Vedras, sob o domínio islâmico. Existem muitos *husūn* (fortalezas) cuja menção também não aparece nas fontes árabes, talvez dado o seu interesse menor do ponto de vista militar, ou porque não dispunham de uma guarnição.

O núcleo «urbano» de Torres Vedras deveria corresponder a uma fortaleza/castelo ou *castrum* (sítio fortificado, com uma função militar, pelo menos defensiva, mas também o território em volta que dela dependia) com um amplo domínio sobre os percursos ao longo do Vale do Sizandro. Uma localização que lhe permitia simultaneamente o controle de diversos eixos viários terrestres de alguma importância já no período romano, que de *Olisipo* (Lisboa) seguiam para *Aeminium* (Coimbra), pelo litoral, passando por *Chretina*, que Vasco Gil Mantas identifica com Torres Vedras, e por *Eburobrittium* (Óbidos).

As suas muralhas, sobretudo na época omíada (756-c.1093, com a conquista almorávida de Lisboa) não abrigariam a população permanentemente, servindo talvez apenas de lugar de vigilância e refúgio das populações rurais, em caso de perigo. Fortificação talvez construída e mantida pelas populações rurais, sem intervenção directa de uma autoridade militar.

Centro administrativo e fiscal, junto da fortaleza encontrar-se-iam os camponeses para o mercado e a oração de sexta-feira, crendo na tradição de ter sido a igreja de Santa Maria anteriormente uma mesquita.

Tratando-se de uma fortificação, do período islâmico ou anterior, estaria associada a povoados rurais, dispersos por um território sob o seu domínio e controlo, tendo alguns desses povoados uma ocupação que data pelo menos do período romano. Em volta da fortaleza, mas dela dependentes, localizavam-se muitas *qurā* (aldeias; pl. de *qarya*).

Os trabalhos arqueológicos recentes levados a cabo nos Paços do Concelho permitiram identificar uma ocupação islâmica, datada do período califal (Era Cristã 926-1029 * Hégira 313-419).

O território de Torres Vedras fazia parte do *sāqil* (região litoral) de Santarém, a qual era protegida, a Ocidente, pela fortaleza de Óbidos, Peniche, então uma ilha, e o castelo de Ourém. Interessava defender a fronteira litoral, sobretudo desde 844, momento do primeiro grande ataque Viking a Lisboa.

Os estudos ainda introdutórios sobre a toponímia árabe e moçárabe da região confirmam a ocupação intensa do espaço rural, à escala medieval.

Gibraltar, por exemplo, trata-se de um nome pessoal árabe «Tariq» convertido em nome de lugar, ao qual se juntou um elemento topográfico “monte” ou “outeiro”.

É provável que a maioria dos vestígios árabes se devam a moçárabes ou mouros feitos cativos, que se prolongaram na Estremadura para além da reconquista, uma vez que não temos notícia de qualquer comunidade árabe. Parece-nos, porém, bastante forte a ocupação moçárabe da região.

Muitos topónimos testemunham a sua presença: Atalaia, talvez o topónimo *tursifal* que pela raiz «trs» pode querer significar “defesa, guarda ou protecção”. A estes juntam-se muitos outros lugares, como alfacias, Alfeiria (horta ou espaço cercado onde se guardaria o gado), Almargem (do ár. *al-marj* = prado), Almageira, Almiarça (do ár. *al-marsā* = porto), Asseisseira (do lat. *salice* = salgueiro), Moçafaneira, Azueira, Pero Negro, Apaul de Alvim, ribeira de Alpilhão, Almofala (do ár. *al-maḥalla* = campo ou pequeno

aglomerado, aldeia), Secarias (do ár. *saqarias*), ribeira de Alcabrichel, Enxara do Bispo (D. Vasco), Enxara (do ár. *an-xara* = Charneca) dos Cavaleiros.

Em suma, o território de Torres Vedras sob o domínio árabo-islâmico já se encontrava muito povoado. Seria um espaço rural pontuado por aldeias e casais isolados, cuja população se ocuparia das actividades agrícolas. Grande parte do território era, e seria durante muito tempo, ocupado por terrenos de floresta e paus.

Nota-se um contraste entre as partes Norte e Sul do espaço que viria a ser o termo medieval cristão de Torres Vedras. A Norte, um povoamento escasso e concentrado em volta da Ribeira de Alcabrichel. A Sul, um povoamento mais abundante, mas disperso. Um idêntico contraste entre o litoral, cujo povoamento é bem mais recente, e o interior com uma ocupação anterior.

Topónimos que são na sua maioria moçarabismos, isto é, termos latinos com o prefixo ou o sufixo árabes, próprios duma região onde era natural o contacto ente cristãos e muçulmanos, entre as culturas árabe e cristã. Dados que confirmam ter sido maior a arabização do que a islamização do *Gharb al-Andalus* (o Ocidente sob o domínio islâmico). Uma situação que se justifica também pelo facto da maioria dos povos "colonizadores" serem berbéres saharianos, pouco islamizados, de que ficou o testemunho do termo «saloi», de *sahrāwi* - habitante do *Sahara*.

SAIBA MAIS:

SILVA, Carlos Guardado da, «A estruturação e o povoamento da defesa na Estremadura Islâmica: elementos para o seu

estudo», in *Turres Veteras V: História Militar e da Guerra*,
Torres Vedras, Câmara Municipal de Torres Vedras – Sector da
Cultura e Instituto de Estudos Regionais e do Municipalismo
Alexandre Herculano, 2003, pp.21-35.